



1º Congresso

Mariano

Paróquia

Santo Alberto Magno

Maternidade Divina

Pe. César Augusto B. S. Campos
(11/05/2015)



1º Congresso

Mariano

DOGMA

DOGMA - Este termo não é de origem cristã.

Derivado do verbo grego *dokeo*, etimologicamente tem o valor de “opinião” e esse significado se conservou na filosofia antiga, onde ainda indica um ensinamento não verdadeiro. É por essa razão que o termo custa a entrar na linguagem cristã.

Dogma designa, no uso teológico atual, uma verdade revelada que a Igreja põe como algo que se deve crer.

“A função do dogma não é produzir novas afirmações, mas extrair e exprimir de outro modo as implicações racionais da mensagem que se origina na Escritura. A fé deve permanecer idêntica a si mesma, para continuar hoje a fé dos Apóstolos, sem adições nem subtrações”

(Paul TIHON, jesuíta belga, 2005).

MATERNIDADE DIVINA



*“A Igreja confessa que Maria
é verdadeiramente
Mãe de Deus.”*

(Catecismo da Igreja Católica, §495)

Caminho de Estudo:

- 1) Abordaremos as raízes bíblicas;
- 2) Trataremos, especificamente, do referido Dogma proclamado no séc. V no Concílio de Éfeso (431);
- 3) Falaremos das implicações teológicas do Dogma da Maternidade Divina.

“O evangelista Lucas é aquele que nos fornece o maior número de elementos para uma Teologia Marial. Poderíamos até dizer que nele encontramos ao mesmo tempo a boa-nova de Jesus e a boa-nova de Maria, numa complementariedade profunda, em íntima relacionalidade”.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 79

Recordando:

Maria é descrita como a Nova Arca da Aliança, a morada divina que viaja à casa de Isabel.

- a) saudada pelos saltos da criança no ventre de sua prima.
- b) Isabel a proclama bendita em sua maternidade e a declara “a Mãe do meu Senhor”

Curiosidade:

Você sabia?

O Novo Testamento refere-se à Maria como **MÃE** não menos que 25 (vinte e cinco) vezes, enquanto apenas dois textos referem-se a ela como virgem (cf. Lc 1,27; Mt 1,23).

Portanto, “Maria é, fundamentalmente, para os relatos evangélicos, a mãe de Jesus”.

Carta aos Gálatas 4,4:

“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial”

Quem é este FILHO?

É o Filho de Maria que compartilha a divindade do Pai e começa a existir nela no momento da encarnação.

O Filho do Pai que existia desde toda a eternidade (pré-existente) faz-se carne na carne de Maria (encarnação) e assume nossa condição humana frágil e pobre.

“Teria podido descer do céu num corpo adulto, como o imaginaram e esperaram aqueles que o aguardavam com fervor, como o espera, hoje ainda, uma parte do judaísmo. Porém, trata-se aqui de [...] uma nova criação.

Deus quis salvar os homens pelo interior, como um irmão, penetrando ao fundo da condição humana, para se reconciliar com sua criatura”.

MICHEL, Jean-Claude. *Quem és tu, Maria?*

São Paulo: Ave Maria, 1996. p. 101.

A relação com a Cristologia

“As transformações da maternologia mariana estão vinculadas às controvérsias cristológicas. A acentuação de um aspecto ou outro na realidade paradoxal de Jesus, repercutia indubitavelmente na compreensão da função de Maria a respeito d’Ele. E, correlativamente também, qualquer afirmação mariológica repercutia automaticamente na cristologia”.

GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey. *Mariologia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999. p. 243.

As controvérsias teológicas

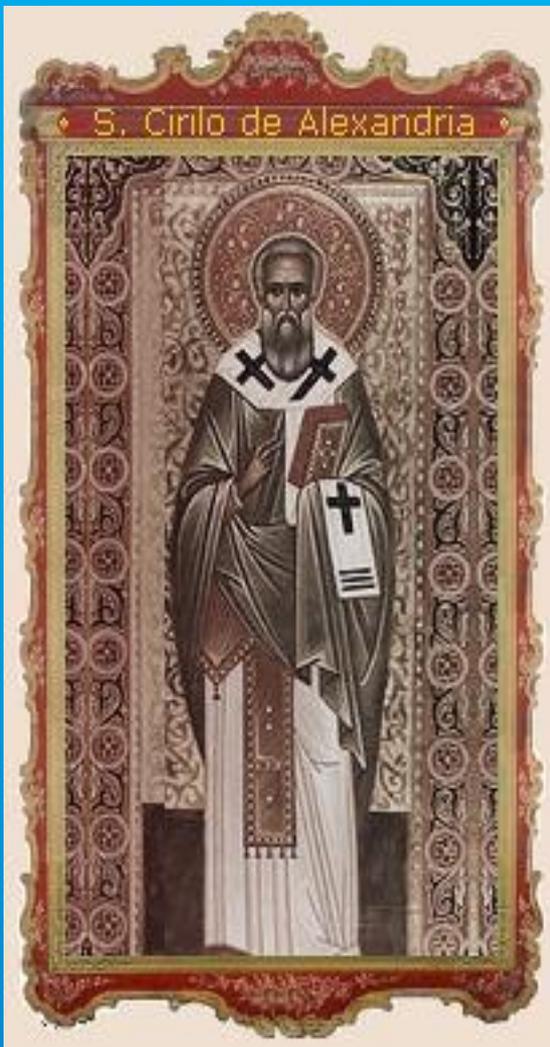
No séc. V, o temor de unir as naturezas divina e humana na pessoa de Cristo levou Nestório, patriarca de Constantinopla, a determinar que, por ser apenas humana a natureza de Maria, ela não poderia ser chamada *Theotókos* (a Mãe de Deus).

Portanto, ela deveria ser chamada de *Chistotókos*, “aquela que deu à luz o Cristo”.

Defensor da Fé:

S. Cirilo, patriarca de Alexandria.

Foi, então, que em 431 em Éfeso, no 3º Concílio Ecumênico, que os padres conciliares declararam que: “seja excomungado quem não professar que Emanuel é verdadeiramente Deus e, portanto, que a bem-aventurada Virgem é verdadeiramente Mãe de Deus, *Theotókos*, pois deu à luz segundo a carne aquele que é o Verbo de Deus” (DS 252); por consequência, condenaram a doutrina de Nestório.



X



A palavra *Theotókos*
compõe-se de dois elementos:
Theos (Deus) e
tokos (aquela que dá à luz).

Ícone da Virgem ('Theotokos') de São
Vladimir, séc. XII ou XIII, Moscou.



Os embates continuam...

Havia também o confronto com os monofisistas que afirmavam que depois da encarnação, Cristo tinha apenas uma natureza (divina); falavam da carne celestial de Cristo, fruto da obra do Espírito Santo, o que tornava desse modo irreal a maternidade divina.



1º Congresso

Mariano

A essa interpretação opuseram-se os Padres de duas escolas, a de Alexandria, com Orígenes, Alexandre, Atanásio, Eusébio de Cesaréia, os capadócius e Cirilo de Alexandria; e a de Antioquia, com Deodoro de Tarso, Teodoro de Mopsiésia, Nestório e João de Antioquia.

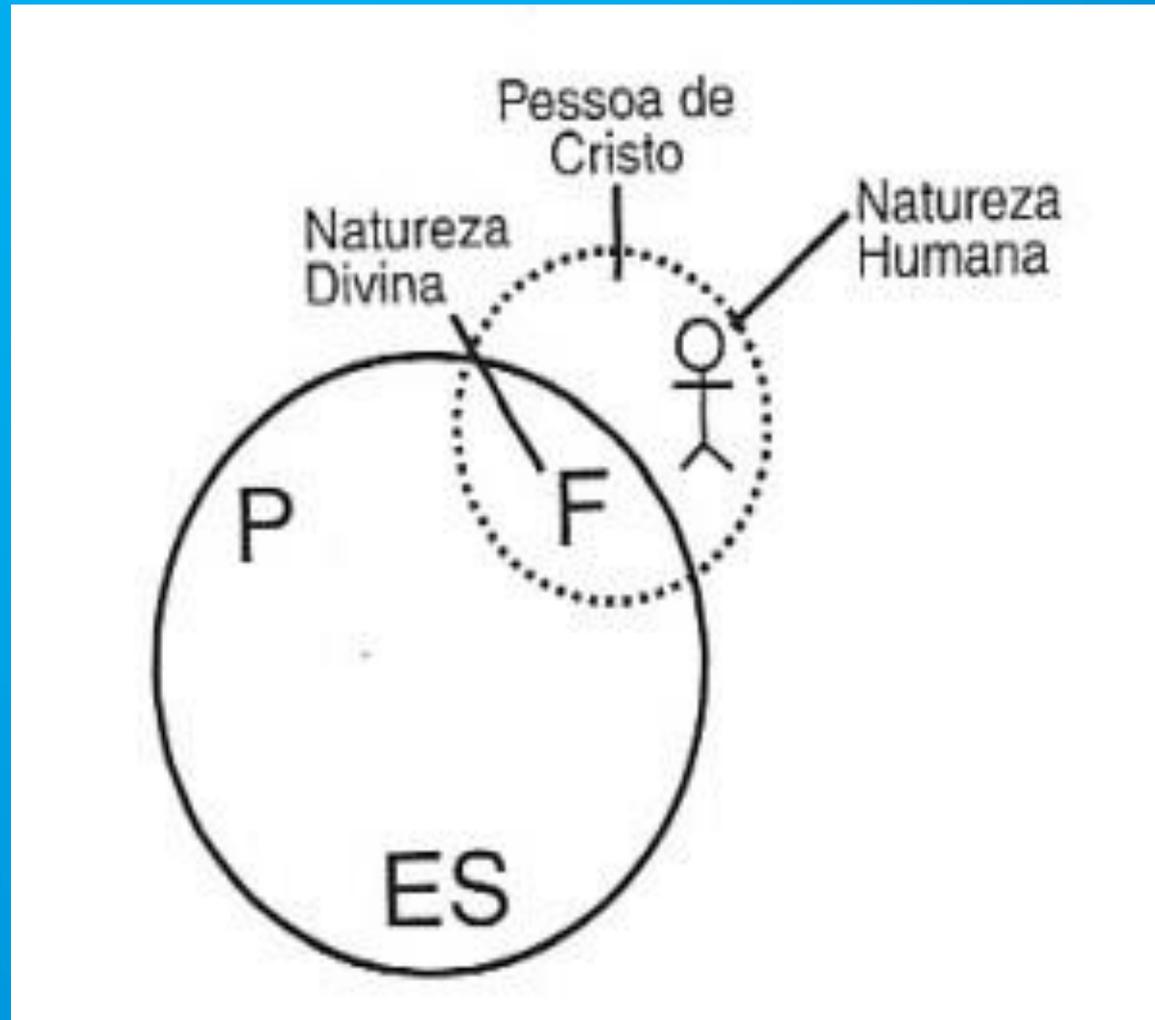
Qual a intenção?

Defender a perfeita integridade das duas naturezas, proclamada pelo Símbolo Niceno.

Concílio de Nicéia (325)

Concílio de Calcedônia (451)

“Jesus Cristo é um só e mesmo Filho, perfeito em sua divindade, perfeito em sua humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem (...) Ele existe em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação”. A diferença das duas naturezas não é de modo algum suprimida pela união, mas antes as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa (*hipóstase*).



Calcedônia procurou dar um basta na querelas existentes e declarou que a Maternidade Divina de Maria era genuína e verdadeira.

IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS:

1) Evocar a maternidade divina de Maria é concentrar-se na relação direta entre a pessoa da mãe e a do filho. Se Jesus é “verdadeiro Deus”, e também “verdadeiro homem”, Maria pode ser, portanto, chamada Mãe de Deus. Ela não é mãe da divindade, como se encontra no Dicionário de Mariologia, “*Theotókos*, não significa teologicamente ‘mãe da divindade’, mas ‘mãe do Verbo encarnado’”.

2) Significa ainda proclamar a chegada do Reino que “já está no meio de nós” (cf. Lc 17,21), confessando que o próprio Deus tomou carne como a nossa, se fez de nossa raça, no ventre de uma mulher, é afirmar que a nova realidade de salvação – o Reino de Deus – chegou para todos.

3) Significa também desvelar toda a grandeza do mistério da mulher. Desde o relato da Criação, a mulher está ligada à geração da vida. Por isso, desde muito cedo a Igreja viu na mulher Maria a Nova Eva – aquela que dá ao mistério da potencialidade maternal da mulher uma nova e definitivamente ampla dimensão: Maria é mãe de Jesus e, ao mesmo tempo, mãe de todos os viventes.

**O Concílio Vaticano II
sublinha e glorifica,
igualmente, a Maternidade
Divina de Maria ao declarar:
“pela sua fé e obediência,
gerou na terra o próprio
Filho de Deus Pai” (LG, 63).**

*“Se quisermos ser cristãos,
deveremos ser marianos, isto é,
deveremos reconhecer a relação
essencial, vital, providencial que
une Maria a Jesus, e que abre para
nós o caminho que a Ele nos
conduz” (Papa Paulo VI).*



Pietà (Piedade), de Michelangelo (1499), Vaticano.



**Maria, única flor
Que a humanidade gerou.
Só Tu, Tu nos entendes,
De Ti toda graça virá.
Maria, és plena de Deus,
Nunca demais sobre Ti se dirá.**

*Ave Maria, Ave
És porta aberta ao Paraíso,
Ave.*

**Maria, Tu és a Mãe:
Em teu silêncio, Deus falou.
Porto seguro e fortaleza
Teu coração é para nós.
Maria em Ti está a Vida,
Toda criatura a Ti cantará.**



1º Congresso

Mariano

Paróquia

Santo Alberto Magno